

A maternidade no conto “A Aia” de Eça de Queirós e suas diferentes concepções

La maternidad en el cuento y sus diferentes concepciones

Lucimara Grando Mesquita

Graduanda em Letras – IF sudeste MG – Campus São João del-Rei.
E-mail: lucigrando123456@hotmail.com

Ozana Aparecida do Sacramento

Doutora em Estudos Literários – UFMG.
E-mail: ozana.sacramento@ifsudestemg.edu.br

Resumo: “A Aia”, conto escrito por Eça de Queiros, narra a história de uma rainha e uma ama de leite que, apesar de vidas distintas socialmente, aproximam-se pela experiência da maternidade. Este artigo propõe-se a discutir a protagonista do conto em questão, observando em sua composição a representação do universo materno e a imposição da maternidade como um instinto. Será feita uma breve consideração sobre a concepção da maternidade em outras épocas, para uma melhor problematização da condição materna na sociedade contemporânea, tendo como referência o livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, de Elisabeth Badinter, o qual possibilitará entender o olhar trágico que encerra o conto.

Palavras-chave: Mulher. “A Aia”. Amor materno. Contemporaneidade.

Resumen: “A Aia”, cuento del escritor portugués Eça de Queirós, narra la historia de una reina y una nodriza que, a pesar de la vida social distinta, se acercan a causa de la experiencia de la maternidad. En este artículo se propone discutir la historia de la protagonista del cuento en referencia, observando en su composición la representación del universo materno y la imposición de la maternidad como un instinto. Se hará una breve consideración sobre el concepto de la maternidad en otras épocas para una mejor problematización de la condición materna en la sociedad contemporánea, teniendo como referencia el libro *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (“¿Existe el instinto maternal?”), de Elisabeth Badinter, que permite comprender el aspecto trágico con que se cierra el cuento.

Palabras-clave: Mujer. “A Aia”. Amor maternal. Contemporaneidad.

1 Introdução

Eça de Queirós (1845-1900), um dos maiores representantes do Realismo em Portugal, escreveu o conto *A Aia*, que foi publicado na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, no ano de 1893, por Luís de Magalhães, o qual fez uma compilação de vários contos de Eça que eram publicados dispersamente na imprensa. Um conto breve, cujo enredo se passa na Idade Média, aproximando-se a narrativa a um conto de fadas, no qual uma ama de leite, por lealdade a sua rainha, entrega seu filho à morte no lugar do príncipe.

Sobre o tema do amor materno e os impactos de suas representações na sociedade contemporânea, é fundamental mostrar como esse amor era representado em outras épocas, para podermos analisar se há diferenças em sua forma.

A partir do estudo do texto de Badinter (1985), poderemos indagar se o amor materno faz parte da natureza da mulher ou é apenas um construto social que se estabelece devido à convivência entre a mãe e o filho, ou ainda se a mulher realmente nasce com uma predisposição à maternidade.

Badinter (1985), em seu texto *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, desfaz o discurso de que o amor materno é inato à mulher, ele é fruto de um construto sociocultural conquistado por meio da convivência ao longo do tempo. Portanto, tal sentimento não seria um instinto natural que nasce com a mulher, pois o amor inato seria um mito. Esse amor inato, visto como instinto materno, é uma forma de subjugar a mulher, seja seu corpo físico ou psicológico, uma vez que a sociedade está sempre à espera de um comportamento ideal de mãe atrelado às necessidades da coletividade. Dessa forma, a sociedade discriminará uma mulher que não corresponda a esse ideal materno.

Sendo assim, este artigo tem por finalidade realizar uma análise do conto *A Aia de Eça de Queirós*, explorando uma temática de grande reincidência na literatura, a maternidade. Para tanto, faremos alguns apontamentos acerca de características presentes no conto, analisando a atitude da mãe em sacrificar seu filho por lealdade ao seu rei e a problematização sobre o instinto materno, tanto em épocas remotas quanto atuais. Observa-se que o ato da Aia seria visto como desumano não apenas no mundo contemporâneo, mas na Idade Média e, principalmente, no século XIX, período em que o conto foi escrito, assim como ela só se torna heroína depois que se mata e entrega seu filho para a morte.

Como referencial teórico será utilizado o texto *Um Amor Conquistado: o mito do amor materno*, de Elisabeth Badinter, para relatar a idealização da construção desse amor. A partir desse estudo, será possível verificar que o conto e o trágico destino da protagonista revelam a crença no caráter inato do amor materno. O conto, dessa forma, corrobora a construção social desse ideal de amor.

2 Contextualização do conto

A narrativa de Eça de Queirós conta a história de uma ama de leite que servia a uma rainha, cujo marido havia sido morto em uma guerra, deixando um bebê que a aia amamentava. A aia tinha um filho com a mesma idade do príncipe e as duas crianças dormiam no mesmo quarto, cada um em seu berço. No entanto, o irmão do rei que queria assumir o trono resolveu invadir o castelo, a aia, percebendo a invasão, rapidamente troca as crianças de berço, colocando seu filho no lugar do príncipe. O tio pega a criança do berço e a mata. A rainha, desesperada, vai até o quarto e a aia conta que ela havia trocado os bebês de berço e a rainha, muito agradecida, leva a aia à sala do tesouro do castelo para que ela escolhesse o que lhe agradasse como recompensa por ter salvo a vida do príncipe. Esta pegou um punhal e gritou: “salvei o meu príncipe e agora vou dar de mamar a meu filho” (QUEIRÓS, 1893, p. 177), e cravou o punhal no coração, dando fim a sua vida.

O conto *A Aia*, de Eça de Queirós, foi escrito em 1893. Apesar de ser um conto breve e aproximar-se de um conto de fadas, é um relato profundo, no qual uma ama de leite, por lealdade a sua rainha, entrega seu filho à morte no lugar do príncipe.

Ora uma noite, noite de silêncio e de escuridão, indo ela a adormecer, já despida, no seu catre, entre os seus dois meninos, adivinhou, mais que sentiu, um curto rumor de ferro e de briga, longe, à entrada dos vergéis reais. Embrulhada à pressa num pano, atirando os cabelos para trás, escutou ansiosamente. Na terra areada, entre os jasmineiros, corriam passos pesados e rudes. Depois houve um gemido, um corpo tombando molemente, sobre lajes, como um fardo. Descerrou violentamente a cortina. E além, ao fundo da galeria, avistou homens, um clarão de lanternas, brilhos de armas... Num relance tudo compreendeu: o palácio surpreendido, o bastardo cruel vindo roubar, matar o seu príncipe! Então, rapidamente, sem uma vacilação, uma dúvida, arrebatou o príncipe do seu berço de marfim, atirou-o para o pobre berço de verga, e, tirando o seu filho do berço servil, entre beijos desesperados, deitou o no berço real que cobriu com um brocado. (QUEIRÓS, 1893, p. 174).

Em suas narrativas, Eça de Queirós escreveu contos realistas, românticos e místicos, dividindo-se em três fases, de acordo com Oscar Lopes e José Saraiva (1969, *apud* JARDIM, 2007, p. 59), em que é possível observar a predominância de um estilo. Essas fases são as seguintes: 1ª fase: As prosas bárbaras (1903); 2ª fase: fase realista (1871 a 1880); 3ª fase: A cidade e as serras.

Como podemos observar, o conto *A Aia* faz parte da narrativa realista presente no estilo da 2ª fase, bastante desenvolvida no século XIX, período em que Eça de Queirós viveu. Percebe-se, também, que estamos diante de uma narrativa fechada, pois o conto apresenta um desfecho irreversível, ou seja, um fim trágico, no qual uma mãe, após entregar seu filho à morte, tira sua própria vida. Dessa forma, nada mais pode ser feito, visto que a morte é o fim e o que permanece é simplesmente a crença do reencontro após o falecimento. “— Salvei o meu príncipe, e agora... vou dar de mamar ao meu filho. E cravou o punhal no coração” (QUEIRÓS, 1893, p. 177).

Podemos observar, também, que esse fim é o moralmente esperado, afinal uma mãe não deve viver depois do filho, de acordo com o senso comum. Dessa forma, segundo essa citação, a ama escolhe um punhal para pôr fim à sua vida e seria por meio desse objeto que ela encontraria com seu filho para cumprir o seu dever de mãe. É interessante notar que a Aia “presenteia” sua rainha com a vida, enquanto a rainha devolve tamanha lealdade e devoção com o objeto de morte: o punhal.

3 O papel social das amas de leite e o suicídio da Aia

Conhecer a situação histórica e temporal das obras literárias, assim como a função social da personagem, ajuda na interpretação da obra. É nessa perspectiva que nos interessa saber sobre a personagem do conto *A Aia*, a qual exerce a função de ama de leite. Apesar do conto não deixar claro o momento em que este ocorre, certas situações indicam ser na Idade Média, caracterizada por uma sociedade agrícola,

presença de reis e fundamento religioso presente. Essa é uma época de castelos, reis, rainhas, servos e amas de leite.

As amas de leite eram escravas que trabalhavam cuidando e amamentando os filhos dos senhores. Segundo Badinter (1985), o hábito de contratar amas de leite surgiu na França no século XVIII e era exclusivo das famílias aristocráticas. Essas amas eram criadas que viviam dentro dos castelos para amamentar os filhos da rainha.

No conto, a aia tinha um filho da mesma idade do príncipe. Ela amamentava as duas crianças ao mesmo tempo, um era escravo como ela e dormia em um berço pobre, de verga, o outro, rico, dormia em um berço de marfim. A ama de leite dedicava carinho e igual atenção às duas crianças, uma vez que um era seu filho e outro seria seu rei.

Ao lado dele, outro menino dormia noutra berço. Mas era um escravozinho, filho da bela e robusta escrava que amamentava o príncipe. Ambos tinham nascido na mesma noite de Verão. O mesmo seio os criara. Quando a rainha, antes de adormecer, vinha beijar o príncipezinho, que tinha o cabelo louro e fino, beijava também, por amor dele, o escravozinho, que tinha o cabelo negro e crespo. Os olhos de ambos reluziam como pedras preciosas. Somente, o berço de um era magnífico de marfim entre brocados, e o berço de outro, pobre e de verga. A leal escrava, porém, a ambos cercava de carinho igual, porque, se um era o seu filho, o outro seria o seu rei. (QUEIRÓS, 1893, p. 172).

Observamos que a aia torna-se uma heroína, porque, ao salvar seu príncipe, passa a ser vista com uma serva leal, medida essa incompreensível à ótica contemporânea. Pode-se pensar que a aia deve ter enlouquecido após ter sacrificado o próprio filho, porém seu comportamento é de uma serva conformada com sua posição social, e seu ato pode ser motivado pela crença que havia naquela civilização de que a vida da terra continua no céu, após a morte.

Pertencia, porém, a uma raça que acredita que a vida da terra se continua no céu. O rei seu amo, decerto, já estaria agora reinando em outro reino, para além das nuvens, abundante também em searas e cidades. O seu cavalo de batalha, as suas armas, os seus pajens tinham subido com ele às alturas. Os seus vassallos, que fossem morrendo, prontamente iriam, nesse reino celeste, retomar em torno dele a sua vassalagem. E ela, um dia, pelo seu turno, remontaria num raio de lua a habitar o palácio do seu senhor, e a fiar de novo o linho das suas túnicas, e a acender de novo a caçoleta dos seus perfumes; seria no céu como fora na terra, e feliz na sua servidão. (QUEIRÓS, 1893, p. 172).

Podemos pensar, também, que o comportamento da aia foi uma atitude de extrema lealdade para com sua rainha, porém, ela é paga com um bem material, levando, dessa forma, a serva ao desespero, uma vez que, para ela, o valor sentimental era o que realmente importava, não o valor material. A rainha não pensa em dar a aia um posto mais elevado ou torná-la sua amiga, ou seja, as posições sociais se mantêm. Portanto, podemos perceber que o céu é a única esperança ou recompensa para quem é socialmente inferior.

4 A visão do conto a partir do olhar de Badinter

O texto de Elisabeth Badinter, *Um Amor Conquistado: o mito do amor materno*, desfaz o discurso de que toda mulher nasce para ser mãe. Na visão da autora, o amor materno é conquistado ao longo do tempo a partir da convivência. Portanto, não é algo natural que nasce com a mulher, pois o amor inato seria um mito. Segundo Badinter (1985), o amor materno, assim como qualquer outro sentimento, pode sofrer transformações e influências conforme o contexto social, político e econômico. Dessa forma, a sociedade está sempre à espera de um comportamento ideal de mãe atrelado às necessidades da sociedade. A autora desconstrói o caráter natural que foi atribuído ao papel de mãe e ao de amor materno, pois, segundo ela, esse amor é uma construção social que muda conforme as diferentes épocas e costumes vigentes.

Nesse sentido, pode-se utilizar o texto de Badinter como artefato para se vislumbrar o conto *A Aia* de Eça de Queirós. Ao tomar a atitude de substituir o príncipe pelo seu filho, a protagonista do conto pode ser vista pela sociedade contemporânea como uma mãe desnaturada, pois foge de sua natureza materna ao entregá-lo à morte. O instinto materno, segundo o discurso hegemônico, indica que a mãe deve proteger e cuidar e se sacrificar pelo seu filho, porém, segundo Badinter (1985), o amor materno é um construto cultural dependente da época e dos costumes daquela sociedade, sendo a maternidade uma prática sociocultural, e não um instinto.

Percebe-se que, ao tomar a decisão de entregar seu filho em nome da lealdade, a mãe não pode ser julgada simplesmente como se desnaturada ou como quem foge de ideais humanos. Suas atitudes, além de remeterem ao papel social que ela cumpre, afinal ela era, acima de mãe, serva, surgem também de crenças religiosas, uma vez que a crença de que a vida continuava justifica a atitude de se matar, pois acreditava que seria possível encontrar seu filho através da morte.

O discurso de Elisabeth Badinter considera que o vínculo estabelecido entre mãe e filho é construído a partir da convivência, e não adquirido naturalmente por meio da maternidade.

A nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição. Como se uma atividade pré-formada, automática e necessária esperasse apenas a ocasião de se exercer. Sendo a procriação natural, imaginamos que ao fenômeno biológico e fisiológico da gravidez deva corresponder determinada atitude maternal (BADINTER, 1985, p. 19).

A autora mostra que alguns valores estão relacionados a determinadas épocas, assim como o contexto social, e o modo como se estabelece essa relação irá influenciar as representações desse amor. Na sociedade contemporânea, valores como o amor incondicional de mãe ainda estão presentes de forma consistente. Os valores de uma sociedade mudam o comportamento do ser humano e, com isso, o ideal de amor materno. Segundo Badinter (1985, p. 15), “é em função das necessidades e dos valores dominantes de uma sociedade que se determinam os papéis respectivos do pai, da mãe e do filho”.

Conforme os estudos de Badinter (1985), na França no século XVIII, a criança, após seu nascimento, era vista como um problema para família e a mulher assumia uma postura de negligência em relação aos filhos, pois logo ao nascer a mãe se recusava a amamentar seu filho que era encaminhado para as amas de leite, e, com isso, muitos bebês morriam ainda nos primeiros anos de vida.

Porém, o amor materno, na contemporaneidade, foi criando determinados valores e hoje não é aceitável que mães não desempenhem seu papel de acordo com o que é estabelecido, e a maternidade acabou por oprimir e criar culpa em determinadas mulheres que não seguem um padrão pré-definido de mãe. Tanto o aleitamento materno quanto os cuidados e a felicidade dos filhos hoje são de responsabilidade das mães.

Observa-se que a relação da mãe com o filho muda conforme o período da história. Dessa forma, atitudes consideradas heroicas, como a da aia, nos dias atuais, seriam consideradas desumanas, uma vez que fogem dos padrões estabelecidos pela sociedade contemporânea. E a amamentação, atualmente, é um ritual priorizado pelas famílias, visto como necessário para a qualidade de vida do bebê.

5 Considerações finais

O ideal de amor materno já existia, ainda que de forma difusa e bem mais enfraquecida, na Idade Média. Percebe-se que a Aia só se torna heroína, no conto, depois que se mata, após entregar o filho para a morte, cometendo um ato de extremo amor: o suicídio para amamentar o seu filho. Tal atitude, uma ama de leite que troca a vida de seu filho pela vida de seu rei, somente foi vista como ato heroico devido ao período histórico que aconteceu, porém, seria condenada nos dias atuais por atitude desumana. Nesse sentido, o conto e o trágico destino da protagonista revelam a crença no caráter inato e excesso do amor materno. O conto, dessa forma, corrobora a construção social desse ideal de amor, ou seja, a imposição da maternidade como um instinto inato a toda mulher.

Referências

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CONTOS DE EÇA DE QUEIRÓS. Disponível em: <<https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/06/Contos.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

JARDIM, Cila Maria. (2007). *A narrativa fantástica em contos de Eça de Queiroz e Guy de Maupassant*. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/viewFile/3424/2145>>. Acesso em: 24 fev. 2017.